

# LIBRAS: LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

*Libras: Brazilian Language Signs*

Sandra Elisa Muncinelli<sup>1</sup>  
Recebido em: 03.07.2012  
Aceito em: 03.12.2012

**Resumo:** A inclusão da LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, como disciplina curricular nos Cursos de Licenciatura de Pedagogia, traz grandes avanços e desafios para Educação. O que no passado seria utilizado como justificativa para o não atendimento adequado aos alunos com surdez incluídos no ensino regular, hoje é considerado uma ferramenta na formação dos futuros professores para melhor ensino e aprendizagem dos alunos, bem como minimizar os problemas de inclusão escolar e de socialização.

**Palavras-chave:** LIBRAS; Educação de surdos; Aprendizagem.

**Abstract:** The inclusion of LBS - Brazilian Sign Language as a subject in the curriculum Degrees of Education, brings great advances and challenges for education. Which in the past would be used as justification for not adequately serve the deaf students included in regular education, today is considered a tool in training future teachers for better teaching and student learning and minimize the problems of school inclusion and socialization.

**Keywords:** LBS; Deaf Education; Learning.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta o processo de ensino de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) como disciplina curricular nos Cursos de Licenciatura, proposta conforme a Lei 10.436/2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais.

No estudo de LIBRAS, faz-se necessário conhecer a cultura surda e os processos históricos referentes às lutas que as pessoas com surdez vivenciam, bem como as filosofias educacionais aplicadas na Educação de surdos.

As Línguas de Sinais não são universais. Cada país, cada grupo, apresenta sua própria língua, o que dá à LIBRAS legitimação como língua constituída de uma estrutura gramatical.

---

<sup>1</sup> Pedagoga com habilitação em Educação Infantil, Séries Iniciais e Educação Especial, com Especialização em Psicopedagogia, Educação Especial e Atendimento Educacional Especializado. Professora de Libras na Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP). E-mail: sandraelisa06@yahoo.com.br.

## **HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS**

Durante séculos, a crença de que o surdo não seria educável ou responsável pelos seus atos foi justificada com base em textos clássicos, tanto sacros como seculares. No século IV a.C., Aristóteles supunha que todos os processos envolvidos na aprendizagem ocorressem através da audição e que, em consequência, os surdos seriam menos educáveis do que os cegos.

Na Idade Média supunha-se que os surdos não teriam acesso à salvação, já que, de acordo com Paulo, na Epístola aos Romanos, a fé provém do ouvir a Palavra de Cristo. Séculos mais tarde, seria essa a mesma preocupação com a salvação dos surdos, o que acabou motivando os religiosos do mundo inteiro a trabalharem com surdos, procurando resgatar seus sinais.

O início da educação dos surdos se deu na Espanha, no século XVII, com o monge Pedro Ponce de León que, a partir de uma reflexão de que nos mosteiros, mesmo existindo a lei do silêncio, os monges conseguiam se comunicar através de gestos e do alfabeto datilológico.

No Brasil, até no final do século XV, os surdos eram considerados ineducáveis, porém surgem novas doutrinas sobre a educação de surdos vindas da Europa. Fundou-se, então, no Rio de Janeiro, a primeira escola para surdos no Brasil, o Instituto de Educação de Surdos (INES), em 26 de setembro de 1857. Desde então, o País tem passado por várias propostas educacionais para surdos. A Língua de Sinais já foi algo proibido na educação de surdos, mas hoje é visto o início de uma transformação.

## **FILOSOFIAS EDUCACIONAIS PARA SURDOS**

Desde 1880, o Brasil tem passado por várias propostas educacionais para surdos: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo.

A partir do Congresso de Milão, em 1880, o método oralista tornou-se dominante, e a Língua de Sinais foi banida por ser considerado um perigo para o desenvolvimento da linguagem oral do surdo. Veloso e Maia Filho (2009, p.21) revelam que segundo Aristóteles, “[...] a fala viva é privilégio do homem, o único e correto veículo do pensamento, a dádiva divina, da qual foi dito verdadeiramente: a fala é a expressão da alma, como a alma é a expressão do pensamento divino”.

Nesse Congresso, havia representantes da França, Itália, Grã-Bretanha, EUA, Canadá, Bélgica, Suécia e Rússia, e apenas um surdo participante. Ali não se discutiu diretamente métodos de ensino de linguagem, e sim reafirmar a substituição da Língua de Sinais pela Língua Oral Nacional. A linguagem de sinais, em todas as suas formas, foi proibida oficialmente e estigmatizada sob a alegação de que ela destruía a capacidade de fala dos surdos, argumentando que estes eram preguiçosos para falar, preferindo usar a língua de sinais.

Os objetivos do método oralista eram:

- a) Levar o surdo a falar;
- b) Desenvolver as competências linguísticas orais;
- c) Desenvolver o surdo emocional, social e cognitivamente;
- d) Integrar o surdo como “membro produtivo” no mundo ouvinte.

Somente em 1960, tais expectativas começaram a ser revistas. Um ultimato foi dado à filosofia oralista: ou ela demonstrava que podia obter melhores resultados a partir de novos desenvolvimentos metodológicos e instrumentais capazes de reverter o quadro, ou ela deveria ser descartada em favor de outra filosofia de ensino baseado em sinais naturais.

Assim surge a comunicação total, que advoga o uso de todos os meios que possam facilitar a comunicação, desde a fala sinalizada, passando por uma série de sistemas artificiais, até chegar aos sinais naturais da Língua de Sinais. Na década de 1970, a filosofia educacional oralista cedeu lugar à filosofia educacional da comunicação total.

Sob a proteção dessa nova filosofia, começaram a surgir diversos sistemas de sinais, com o objetivo de auxiliar a compreensão da língua falada e, assim, melhorar o desempenho do surdo na leitura e na escrita.

Com a comunicação total e a conseqüente adoção da língua falada sinalizada nas escolas e nos lares, as crianças começaram a participar das conversas com seus professores e familiares. No entanto, observou-se que as habilidades da leitura e da escrita ainda continuavam muito limitadas do que o esperado.

As expectativas com relação à Língua de Sinais, natural da comunidade surda, não tardou a surgir, pois, poderia ser veículo mais apropriado para educação

e desenvolvimento cognitivo e social da criança surda. Logo emergiu a posição de que a filosofia da comunicação total deveria ser substituída pela filosofia do bilinguismo.

O objetivo do bilinguismo é levar o surdo a desenvolver habilidades, primeiro em sua Língua de Sinais naturalmente e, em consequência, na língua escrita do país a que pertence. Isso proporcionaria ao surdo comunicar-se com as pessoas surdas ou ouvintes através da Língua de Sinais, fazendo uso do intérprete ouvinte.

A filosofia do bilinguismo defende a tese de que a criança seja mergulhada desde a tenra idade na Língua de Sinais, para que ela possa atingir suficiente desenvolvimento que lhe possibilitará, mais tarde, a fazer uso da Língua de Sinais como metalinguagem para a aquisição das habilidades de leitura e escrita alfabética (LP, L2), bem como a oralização.

## **LIBRAS – LEGISLAÇÃO – GRAMÁTICA**

A educação e a legislação a respeito do surdo no Brasil estão avançando. Com a inclusão da Libras, como disciplina curricular obrigatória nos cursos de licenciaturas, evidencia uma conquista dos movimentos sociais surdos rumo à verdadeira inclusão.

Em 2002, o Presidente da República sancionou a Lei nº 10436 de 24 de abril, na qual o estado brasileiro reconhece a Libras como segunda língua oficial e regulamentando-a em 2005, via Decreto nº 5626 de 22 de dezembro. Sendo assim, o Decreto nº 5626 de 22 de dezembro insere a Libras:

Como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino do Distrito Federal e dos Municípios. Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio e o curso normal superior, o curso de pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério. A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste decreto.

Assim, nos Cursos de Licenciatura da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP, está inserido o ensino de Libras na formação dos futuros professores, trabalhando com diversas formas de interagir e agir diante do novo

desafio, aprendendo e utilizando a Libras na educação de alunos surdos incluídos no ensino regular.

Pela Língua de Sinais, que é uma língua completa, com estrutura gramatical própria, independente da Língua Portuguesa oral e escrita, é possível o desenvolvimento cognitivo do surdo, favorecendo o seu acesso a conceitos e conhecimentos que se fazem necessários para sua interação com o outro e o meio em que vive, suas dúvidas e temores perante o mundo diminuem e o prazer de viver com os ouvintes aumenta de forma viva na comunicação. Tudo que o surdo almeja é sentir mais segurança neste mundo onde a língua falada causa estranheza, relembrando que a comunicação deles é mais visual.

A voz dos surdos são as mãos e os corpos que pensam, sonham e expressam. As Línguas de Sinais envolvem movimento que podem parecer sem sentido para muitos, mas que significam a possibilidade de organizar as ideias, estruturar o pensamento e manifestar o significado da vida para os surdos.[...] Pensar sobre surdez requer penetrar no 'mundo dos surdos' e 'ouvir' as mãos que, com alguns movimentos, nos dizem o que fazer para tornar possível o contato entre os mundos envolvidos, requer conhecer a Língua de Sinais. [...] Permita-se 'ouvir' essas mãos, pois somente assim será possível mostrar aos surdos como eles podem 'ouvir' o silêncio da palavra escrita (QUADROS, 1997, p.119).

Aprender Libras é entrar em contato com uma nova realidade de vida; é ingressar em uma nova comunidade, a dos surdos. E é importante ter em mente que essa língua não é a língua de um país, mas, a língua de um povo, o povo surdo. As Línguas de Sinais (LS) são as línguas naturais das comunidades surdas. Ao contrário do que muitos imaginam, as Línguas de Sinais não são simplesmente mímicas e gestos soltos utilizados pelos surdos para facilitar a comunicação. São línguas com estruturas gramaticais próprias.

Atribui-se às Línguas de Sinais o status de língua, porque elas também são compostas pelos níveis linguísticos: o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico. O que diferencia as Línguas de Sinais das demais línguas é a sua modalidade visual-espacial. Assim, uma pessoa que entra em contato com uma Língua de Sinais irá aprender outra língua, como o francês, inglês, etc. Os seus usuários podem discutir filosofia ou política e até mesmo produzir poemas e peças teatrais.

As Línguas de Sinais não são universais. Cada país possui a sua própria linguagem de sinais, que sofre as influências da cultura nacional. Como qualquer

outra língua, ela também possui expressões que diferem de região para região (os regionalismos), o que a legitima ainda mais como língua.

Os sinais são formados a partir da combinação da forma e do movimento das mãos e do ponto no corpo ou no espaço onde esses sinais são feitos. Nas Línguas de Sinais podem ser encontrados os seguintes parâmetros que formarão os sinais:

- a) Configuração das mãos: são formas das mãos que podem ser da datilologia (alfabeto manual), ou outras formas feitas pela mão predominante (mão direita para os destros ou esquerda para os canhotos), ou pelas duas mãos. Os sinais DESCULPAR, EVITAR e IDADE, por exemplo, possuem a mesma configuração de mão (com a letra y). A diferença é que cada uma é produzida em um ponto diferente no corpo.
- b) Ponto de articulação: é o lugar onde incide a mão predominante configurada, ou seja, local onde é feito o sinal, podendo tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro.
- c) Movimento: os sinais podem ter um movimento ou não. Por exemplo, os sinais PENSAR e EM PÉ não têm movimento; já os sinais EVITAR e TRABALHAR possuem movimento.
- d) Expressão facial e/ou corporal: as expressões faciais/corporais são de fundamental importância para o entendimento real do sinal, sendo que a entonação em Língua de Sinais é feita pela expressão facial.
- e) Orientação/Direção: os sinais têm uma direção com relação aos parâmetros acima. Assim, os verbos IR e VIR se opõem em relação à direcionalidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo da Libras nos Cursos de Licenciaturas proporciona aos futuros professores importantes informações sobre a educação de surdos, a aquisição de linguagem da criança surda e o contato direto com a Língua de Sinais e seus processos históricos, até seu reconhecimento como língua em todo território nacional.

As aulas apresentam atividades dinâmicas de interação entre os alunos,

conversação, dramatização, música, elaboração de planos de aulas que visam à aprendizagem de todos os alunos surdos ou ouvintes, em que se pode usar a criatividade em situações lúdicas de aprendizagem.

Com isso, pode-se contribuir para que o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos surdos incluídos no ensino regular apresentem melhores resultados, pois a formação dos professores está contemplada com o ensino da Libras, o que dará maiores possibilidades de estar comunicando-se, incluindo e entendendo melhor seu aluno surdo nos diferentes contextos de sua aprendizagem.

### REFERÊNCIAS

ALBRES, N. A.; VILHALVA, S. **Língua de Sinais: Processo de Aprendizagem como Segunda Língua**. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br>>. Acesso em: (data)

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: Edusp, 2001. 1 e 2 v.

BRASIL. Lei nº 10.436 de 24 de Abril de 2002. Acesso em 17/12/2012. Às 10h00min.

BRASIL. Decreto nº 5.626 de 22 de Dezembro de 2005. Acesso em 11/12/2012. Às 10h00min.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SOUZA, R. M.; SILVESTRE, N.; ARANTES, V. A. (Orgs.) **Educação de Surdos: pontos e contrapontos** São Paulo: Summus, 2007.

VELOSO, É.; FILHO, V. M. **Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez**. Curitiba: Mãos e Sinais, 2009. 1 v.